Aula 2

REFLEXÕES E OBSERVAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE PROFISSIONAL: SITUAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SEUS POSSÍVEIS DESAFIOS

META

- Expor reflexões que levem o aluno a repensar as suas concepções do que seja a atividade docente;
- Possibilitar ao aluno práticas de reflexão e resolução de situações problemáticas que podem surgir no contexto escolar.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Refletir sobre suas atividades como futuro professor compreendendo que existe a demanda de uma educação voltada para a cidadania e as possibilidades de efetivação da mesma;
- Compreender que situações de ensino-aprendizagem se encontram intimamente ligadas às posturas e concepções da atividade docente vivida pelo professor;
- Lidar com situações problemáticas em ambiente escolar eficientemente, e analisar de forma ampla os fenômenos, encontrando suas causas reais e formas de preveni-los.

PRÉ-REQUISITOS

- Aula 1: A Didática, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Objetivos do Ensino de Ciências e Biologia.

Guilherme Guimarães Jr.

INTRODUÇÃO

> "Por ela se toma contato com o belo, com o justo e com o verdadeiro, aprende-se a compreendê-los, a admirá-los, a valorizá-los e a concorrer para a sua construção histórica, ou seja, é pela educação que se prepara para o usufruto dos bens espirituais e materiais."
> (Escritos sobre Educação, São Paulo: Vitor Paro, 2001)

Quando se fala em atividade docente, logo se pensa na tríade professor-aluno-conhecimento. Entretanto, pode-se abrir um panorama muito maior do que os velhos estereótipos sobre como se dão os processos educativos e quais elementos são englobados por eles. Pode-se pensar nos projetos institucionais de gestão e políticas, nos atores que fazem parte da Educação (alunos, professores, funcionários administrativos, família, etc.), ou ainda, nas dinâmicas de ensino presentes nas diferentes metodologias pedagógicas.

As demandas da atividade profissional do educador, hoje, encontram-se bem diferentes das de décadas atrás. As diretrizes e parâmetros curriculares nacionais para o ensino em seus diferentes níveis, colocam uma educação interativa e atuante na qual se busca a formação de um sujeito cidadão e emancipado, livre e consciente, para agir socialmente através do trabalho e demais dispositivos de atuação social (BRASIL, 1998a).

A atuação do professor nesta tarefa de formação e informação de sujeitos é complexa. O professor se depara, em sua atividade profissional, com problemáticas e desafios que se relacionam com temas que vão desde os conteúdos de sua formação acadêmica aos conflitos institucionais decorrentes da profissão; perpassados pelo fracasso escolar, os diferentes currículos e a produção de materiais didáticos para a sua atuação.

Nesta unidade serão expostas algumas reflexões sobre como atender a essa demanda de uma educação voltada para a democracia e como as condutas do professor, nesta linha de atuação, influenciam e possibilitam a resolução de problemas que podem surgir no âmbito escolar.

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA COMO FORMADOR DE CIDADÃOS E, POR CONSEQUÊNCIA, DO SOCIAL

Quando se chega à graduação, mais especificamente nas licenciaturas, normalmente os alunos possuem uma série de crenças e concepções sobre como trabalha e age um professor em sua atividade profissional e em sua vida de um modo geral. Tais representações costumam se estruturar no decorrer de sua formação que precedeu a universidade, sendo estas pautadas em experiências decorrentes do próprio processo educativo no qual, a

partir de abstrações do ambiente em que estudou o estudante, forma uma imagem da atividade docente e do profissional que a exerce (BEJARANO; CARVALHO, 2003).

Ocorre que no decorrer de sua graduação e no exercício de sua profissão como professor, o sujeito que antes concebia a atividade do Ensino de uma determinada maneira, pode acabar por perceber que, muitas vezes, a sua atuação profissional demanda posturas e valores diferentes dos quais eram representados por si para este tipo de profissão (QUADROS, et al. 2010).

Tal problemática leva a um questionamento digno de reflexão e que por vezes é negligenciado ou acaba difuso nos conteúdos das licenciaturas. Afinal, qual o papel do professor no processo de Educação?

Em momentos anteriores na história da educação, o papel do professor se constituía na transmissão de conteúdos aos seus alunos de forma que estes guardassem o máximo possível de informações, acumulando, assim, o saber em suas memórias sob a forma de conceitos. Hoje, com concepções construtivistas de ensino, percebe-se que tal representação, a de um professor transmissor ou mediador de conteúdos é reducionista e não contempla as demandas de uma sociedade dinâmica e a formação de um estudante crítico e cidadão, como indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), tanto para o Ensino Fundamental, como para o Ensino Médio (BRASIL, 1998a; BRASIL, 1998b).

Uma visão a ser considerada é explicitada nos trabalhos de Philippe Perrenoud (2000), "Dez Novas competências Para Ensinar", e Vitor Henrique Paro (2001), "Escritos Sobre Educação". Estes colocam a função do professor como sendo a de atualizar histórica e culturalmente o Homem. Assim, Percebe-se que o estereótipo de um professor ao lado de uma lousa, explicando conceitos aos seus alunos, se constitui como somente uma das facetas compreendidas dentro do que, hoje, se constituiria na atividade docente.

Sob a perspectiva da imagem de um profissional que estará formando futuros cidadãos, o professor deverá, em sua função, levar em consideração os processos e relações que se dão em diversos aspectos da vida do sujeito que se submete aos processos educativos, tais como: a sua relação com o conhecimento, as relações do mesmo com a instituição de ensino, o ambiente cultural e social no qual está imerso, suas relações familiares, dentre os demais fatores que compõem a sua educação e formação (BRASIL, 1998a).

Essas necessidades de uma Educação multifacetada e que contemple os diversos espaços e dimensões da atuação do aluno como ator social, leva à necessidade de o professor refletir a sua prática como profissional, pois, ainda hoje, se podem perceber discursos que naturalizam e atribuem a fatores externos ou ao próprio aluno problemáticas que deveriam ser trabalhadas e, parcialmente sanadas em ambiente escolar (QUADROS et

al. 2010). Afirmações como "a família atribui completamente o seu papel de formação do sujeito à escola" ou "o aluno não tem nenhum empenho em relação à própria formação. É agressivo, resistente e preconceituoso", podem ser utilizadas como um dispositivo para eximir de suas atribuições a instituição que se compromete a formar os alunos que nela ingressam (PERRENOUD, 2000); (PATTO, 2000).

Não é dito aqui que o professor deve abrir mão de suas demais atribuições, como o fato de precisar repassar conteúdos de um currículo aos alunos, para agir como uma espécie de "guia social". Mas que o professor procure trabalhar de forma mais holística, não contemplando somente a lista de conteúdos voltados para o vestibular ou seguindo um roteiro de aula pautado na transmissão de conceitos dos livros didáticos de Ensino Fundamental.

Dada a forma como as ciências e a sociedade têm avançado em um processo dinâmico e movimentado, se limitar a conceitos estáticos e determiná-los como fins e não como meios no processo de Educação, muitas vezes acaba por formar alunos incapazes de compreender e agir na ciência e de enxergá-la como uma produção histórica e cultural do homem que visa interpretar o mundo que o cerca (BRASIL, 1998a).

Logo, o que visa a atividade docente hoje, na síntese das conformações cultural, histórica e científica em que se encontra o mundo, seria a conjunção de conteúdos e conceitos previstos nos diversos currículos escolares com atitudes que favoreçam ao aluno:

I. a capacidade de se posicionar e agir criticamente frente a temas polêmicos e cotidianos, como evoluções tecnológicas, relações com o meio ambiente, saúde;

II. a capacidade de abstrair e raciocinar sobre tais temáticas, favorecendo a sua autonomia e emancipação em relação a sistemas como a mídia e o discurso do senso comum (PARO, 2001).

Demanda-se, então, do professor, uma postura na qual consiga analisar e interpretar o seu aluno, compreendendo o que este estudante traz consigo e que pode ser trabalhado e elaborado para formar um cidadão atuante e que compreenda os conteúdos que lhe serão cobrados de forma crítica e com postura consciente (PARO, 2001). Portanto, não se trata de uma modelagem do aluno segundo os princípios do profissional que o ensina, mas de um aperfeiçoamento daquilo que o aluno traz consigo, pois o professor não está criando cópias de si mesmo.

Para conseguir tal feito, é necessário que o professor se desloque de uma postura mais conservadora, na qual há uma condição de saber poder legitimada (CHAUÍ, 2006), e se coloque como um colaborador de seu aluno. Desta maneira, conseguirá valorizar, e não rejeitar com preconceitos, os processos vivenciados pelo aluno que formaram suas explicações e condutas para com o mundo que o cerca. De outro modo, como seria

possível repassar valores de compreensão e respeito se a postura de quem os repassa não é congruente com o que se quer transmitir? Como se instaurar um método novo se utilizando de ações de ensino e valores antigos? (PERRENOUD, 2000).

Quando se pensa em uma nova educação, a sala de aula se torna mais um espaço no qual os processos acontecem. Deve-se pensar em atividades interdisciplinares e vivências em grupo, e isto deve perpassar a instituição corroborando o que se vê em sala de aula. Torna-se improvável a consolidação de valores e atitudes que são vistos em sala de aula quando estes não se manifestam na instituição escolar como um todo (PERRENOUD, 2000).

Logo, o que se vê é a necessidade de se repensar e refletir a forma como os objetos de interesse da Educação se manifestam no ambiente escola, sejam os seus conteúdos, valores, atitudes ou currículos. Também deve ser levado em consideração de que forma isso se consolidará em situações vivenciadas na instituição, desde o papel do professor como agente formativo do sujeito às dinâmicas de administração da instituição.

SITUAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM E SEUS POSSÍVEIS DESAFIOS

Perrenoud (2000) afirma que o real sentido de uma situação que vise à aprendizagem de um conteúdo se dá quando o aluno o apreende significativamente. A Secretaria de Educação Fundamental o confirma em seus PCNEF de Ciências Naturais, quando coloca que um conteúdo é significativamente aprendido a partir do momento em que se interconecta com outros conteúdos e consegue se relacionar com a realidade de forma a demonstrar uma real elaboração pelo estudante (BRASIL, 1998a).

Devido ao fato de que alunos diferentes têm vivências e cargas culturais únicas consolidadas em suas subjetividades, situações de aprendizagem serão vivenciadas por cada aluno idiossincraticamente. Isso torna fundamental o domínio de conteúdos a serem passados pelos professores, de forma que a recontextualização didática de conteúdos se efetive de maneira adequada e se repassem os conhecimentos abarcando as vivências destes alunos.

Para que o aluno aprenda significativamente é necessário lidar com conteúdos e explicações trazidos pelo mesmo em sala de aula de modo que tais representações sejam ressignificadas e sirvam de bases para o conhecimento que se ensinará a este aluno (BRASIL, 1998a).

Marandino (2004) fala sobre a recontextualização e sua importância no ensino. A transposição didática foca-se ainda em conceitos que, por mais simplificados ou trabalhados que sejam não contemplam a carga social e cultural do saber a ser transmitido. Entretanto, na recontextualização didática, este social fará parte da legitimação do próprio conceito, favorecendo o interesse do aluno no discurso do professor em sala de aula.

Em situações de aprendizagem, o profissional pode se deparar com desafios como a falta de atenção ou interesse do aluno nas atividades propostas, baixo rendimento quando se tenta diversificar as formas de ensino ou, ainda, o fracasso em atividades de avaliação formais ou formativas.

Em situações problemáticas hipotéticas se podem analisar melhor as possíveis soluções para tais problemas. Serão analisadas aqui três delas, uma para cada problema citado.

Exemplo 1: Suponha que uma turma de terceiro ciclo do Ensino Fundamental vem apresentando baixo rendimento no que diz respeito à aprendizagem de como ocorre o processo de conservação caseira de alimentos com o uso de sal.

Diversas causas podem ser apontadas para tal fenômeno. Um levantamento prévio de conhecimento dos alunos pode ter sido falho, o que ocasionou um desinteresse. Tal conhecimento pode não condizer com a realidade vivenciada pelo aluno uma vez que as explicações trazidas pelos alunos não foram debatidas e permaneceram fixas tornando a utilidade de tal conhecimento desnecessária na concepção do estudante.

O professor explica que a forma com que as moléculas de cloreto de sódio interagem com as moléculas de água presentes no alimento acaba por desidrata-lo em função de um potencial osmótico gerado no ambiente extracelular, e, como toda a reação metabólica ocorre na presença de água, o processo de putrefação se torna mais lento que o usual. Isso configuraria uma falha na transposição e na recontextualização didática, pois a tentativa de transmissão de conhecimentos pautada nos conceitos dos saberes formais e não nas possíveis formas de se repassá-lo aos alunos, dificulta o processo de abstração pelos alvos deste conhecimento (MARANDINO, 2004).

Logo, cabe ao professor investigar em que ponto se encontra a falha para melhor capturar o interesse desses alunos pelo tema a ser abordado.

Pode-se aumentar o interesse de alunos por um determinado tema relacionando-o com a realidade vivenciada pelo mesmo, se propondo a um processo progressivo de construção prática do conceito, como uma experimentação em laboratório, ou um debate acerca de sua relevância e aplicação. Quando se traz conteúdos das vivências do aluno para as situações de aprendizagem, mantem-se a motivação para que o mesmo continue instigado pelo conhecimento estudado (OLIVEIRA; ALVES, 2005).

Toma-se, por exemplo, o andamento de uma aula para que melhor fique explicitada uma das possíveis formas de resolução do impasse acima (conservação de alimentos com o uso de sal). A aula aqui proposta será dividida em momentos que esclarecerão cada etapa do processo de transmissão de conteúdo:

- 1º Momento (proposição do conteúdo): Quando se propõe o conteúdo aos estudantes, não é interessante que a aula se inicie com um título complexo pautado nos conceitos a serem transmitidos, um exemplo seria

"A Função do Cloreto de Sódio na Desaceleração do Processo de Putrefação de Alimentos". As nomenclaturas e conceitos serão abordados no decorrer da aula, portanto, é possível se abrir mão de um título que possa passar a ideia de algo maçante em função de algo mais direto e atrativo, como "Conservação Caseira de Alimentos com Sal". Com isso, pode-se evitar um desinteresse logo no início da aula.

- 2º Momento (despertando a curiosidade): Nesta etapa é interessante se colocar um elemento prático para se despertar a curiosidade dos estudantes. O professor pode mostrar dois pedaços de carne aos alunos, um envolto em pedras de sal grosso e outro não. Colocar-se-ão os pedaços em recipientes diferentes e os mesmos serão deixados em repouso até o final da aula, onde haverá uma comparação entre o aspecto dos dois, com fins de se avaliar a eficiência da assimilação dos conceitos pelos alunos.

- 3º Momento (questionamentos sobre o fenômeno): Após exibir os pedaços de carne, sem explicar a sua finalidade (pois assim se pode manter a curiosidade dos alunos), o professor iniciará o levantamento de conhecimentos prévios dos estudantes. Serão feitas perguntas que relacionem o cotidiano do estudante ao conteúdo que será ensinado em sala de aula, alguns exemplos são:

I. Vocês já viram, no supermercado, carnes em amostra que estão cobertas por sal, como bacalhau ou ingredientes para feijoada? Por que acham que é assim?

II. Vocês já repararam que para se preparar alguns tipos de alimentos é necessário que eles sejam colocados na água durante algum tempo para serem utilizados posteriormente? Por que acham isso?

III. Vocês já viram em feiras ou mercados que alguns tipos de carne, geralmente de cor mais escura, não precisam ser guardados em geladeira antes de serem vendidas? Por que acham isso?

- 4º Momento (debate das justificativas): Após as perguntas, se devem buscar as justificativas dos alunos sobre o porquê de cada processo citado nas questões. As explicações que os alunos darão provavelmente serão baseadas no senso comum, ou pautadas em conhecimentos aprendidos a partir de meios de comunicação como a TV ou a internet.

É interessante que as respostas dos estudantes sejam registradas na lousa e colocadas em debate. Com isso, o professor poderá desestabilizar os alunos frente às contradições de suas respostas, e coloca-los em um ponto de partida comum para que se possa introduzir os conceitos científicos.

- 5º Momento (construção dos conceitos científicos): A partir do debate e das lacunas consequentes do mesmo, o professor poderá se utilizar de hipóteses apresentadas pelos próprios alunos como material para a construção dos conceitos formais. Por exemplo, suponha que um aluno disse que as carnes são salgadas nos supermercados para que fiquem secas

e demorem mais para se estragar. O professor poderá colocar, a partir daí, a forma como o sal interage com a água, desidratando os alimentos que se deterioram de forma mais lenta, e ainda, estabelecer uma conexão para explicar como a água é necessária para que o metabolismo das células funcione.

Pode também surgir uma justificativa que diga que a carne não estraga por que o sal mata pequenos organismos que estão nos alimentos. Partindo desse ponto, o professor pode explicar como bactérias e outros microrganismos dependem da água para se manter vivos e quais os efeitos causados pela sua ausência.

Há a possibilidade de se fazerem conexões interdisciplinares, por exemplo, com a disciplina de Geografia. Em algumas regiões, certos alimentos ao invés de salgados são desidratados pelo calor do sol e a baixa umidade do clima, como no caso do Nordeste ou do Sul Brasileiro. Conexões assim permitem que os professores de diferentes disciplinas interconectem os seus conteúdos e até mesmo elaborem projetos com temas transversais pertinentes a elas.

6º Momento (avaliação de conhecimentos): Após os conceitos formais serem trabalhados, será cobrada uma atividade avaliativa dos alunos. Os estudantes observarão os dois pedaços de carne anteriormente reservados e os compararão. Verão que um dos pedaços apresenta um aspecto mais escuro e ressecado, enquanto que o outro está mais intensamente vermelho e úmido. Terão que fazer anotações e justificar tal fenômeno com os conceitos apresentados em sala de aula, entregando um trabalho sob a forma de um relatório com as observações feitas e as justificativas científicas apresentadas.

Percebe-se a partir de tal exemplo, que a elaboração de uma aula vai além da mera transmissão de conteúdos cobrados no currículo proposto. Mas, deve considerar a forma como os conceitos serão trabalhados com os estudantes, e como estes serão conduzidos no processo de forma que mantenham a atenção e o interesse pelo conhecimento passado.

Exemplo 2: Suponha que um professor de Ensino Médio planeje uma aula em que os alunos serão conduzidos ao zoológico para estudar cadeias e teias alimentares. Durante o trajeto de visitação os estudantes se dispersam e não atendem a finalidade da visita, frustrando assim o que o professor havia planejado.

Poder-se-ía pensar aqui em uma falha no contrato didático entre professor e alunos referente à visita. Pode-se também pensar na dispersão dos alunos como uma forma de retaliação a uma conduta muito rígida do docente. A indisciplina pode ser vista, ainda, como um descaso devido à falta de algo que reforce o interesse do aluno pela atividade (PERRENOUD, 2000. SKINNER, 2010).

Uma possível solução para a indisciplina em tarefas não ortodoxas é o acréscimo de reforçadores visando um maior empenho dos alunos na tarefa. Tais reforçadores podem ser:

I. a substituição de uma avaliação formal por um relatório de observação de uma situação prática;

II. debate do conteúdo que seria abordado na atividade avaliativa;

III. um acréscimo na nota dos alunos que apresentarem bom desempenho;

IV. emparelhamento de outras atividades de campo como condicionais ao comportamento durante a atual (SKINNER, 2010).

Exemplo 3: Suponha que um grupo de estudantes de primeiro ano do Ensino Médio apresente baixo desempenho em uma prova formal sobre saúde e sexualidade.

É interessante pensar que, mesmo quando se tratam de assuntos polêmicos ou de interesse do aluno, como o caso da educação sexual, podem ocorrer fracassos nos resultados das provas ou nas diversas formas de avaliação.

Deve-se ter em mente que o momento de avaliação dos conteúdos não consiste apenas em se testar aquilo que o aluno sabe, mas em acompanha-lo na consolidação de seus conhecimentos. Pode-se pensar o erro como algo que deve ser investigado e trabalhado, e não combatido. O erro explica quais caminhos o estudante está traçando para se chegar a um raciocínio. Se apropriando de tal processo o professor poderá alterar este caminho, assim levando o aluno ao acerto (PERRENOUD, 2000).

A fonte do problema também pode estar na forma como se avaliam os conteúdos. Uma prova com um questionário que desconsidere as aplicações práticas ou o envolvimento dos alunos com os conceitos e conteúdos estudados e ou descontextualizada, muito provavelmente não retornará ao professor o resultado esperado, além de fugir aos objetivos dos PCN. Logo, também há de se pensar quais dispositivos o professor utiliza nas avaliações de seus alunos (BRASIL, 1998a).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Passarão a ser abordados agora outros aspectos e eventos corriqueiros no dia a dia escolar, mas que merecem destaque, discussão e elaboração por parte daqueles que se dispõem a serem educadores.

Outro tipo de problemática com a qual o professor pode se defrontar em seu ambiente de trabalho: lidar com grupos; que por sua vez se correlaciona com a falta de diálogo e a violência em âmbito escolar (PERRENOUD, 2000).

Quando se fala em novos adjetivos que os professores deveriam assumir, inclui-se ai uma postura aberta e com interesse no diálogo, seja com seus alunos ou com os demais atores do processo educativo. É fundamental que se pense no abandono de uma postura individualista, pois, quando isso

acontece, são abertos espaços para decisões conjuntas e consolidadas em bases sólidas (BRASIL, 1998a).

Quando diálogo é trazido para o grupo, de forma que as decisões sejam tomadas a partir de consensos, como em reuniões entre professores e alunos ou grupos de trabalhos compostos por somente professores, minimizam-se os conflitos que podem ser gerados. Com isso, os demais personagens do grupo sentem sua opinião respeitada e considerada, e, por isso, valorizados em uma relação de aceitação e respeito mútuo. (ROGERS, 2001)

É importante que o professor tenha um conhecimento básico sobre como funcionam as dinâmicas e estruturas grupais, que geralmente possuem um líder e um "bode expiatório". O líder é aquele que influencia o grupo em maior escala. O "bode expiatório" é aquele ao qual se atribuirá a culpa ou as consequências do insucesso em relação ao cumprimento dos objetivos: o antagonista dentro do próprio grupo (MUCCHIELLI, 1979). Partindo de tais conhecimentos o professor conseguirá gerir as dinâmicas de distribuição da autoridade e poder em sala de aula, não de forma ditatorial, mas de forma a mediar o poder e assim evitar conflitos ou insubordinação por parte dos alunos.

Não obstante, com um maior conhecimento em relação às dinâmicas que ocorrem em um grupo, o professor poderá lidar com problemas de ordem mais simples, por exemplo o desafio de um aluno que o desrespeita em sala de aula, até problemas mais sérios, como a violência e o preconceito entre os estudantes.

Suponha que um aluno do Ensino Médio seja discriminado, pelo restante da turma, devido à sua orientação afetivo sexual. Em situações como essa, o tratamento é difícil e fastidioso, quando não, muitas vezes traumático. O melhor a se fazer é sempre prevenir tais situações mediante discussões e debates de temas polêmicos, como sexualidade e outras formas de diversidade humana (PERRENOUD, 2000).

Por vezes o aluno traz consigo representações formadas nos demais grupos que frequenta e com isso cristaliza imagens que nem sempre correspondem à realidade. Entretanto, tais estereótipos podem ferir e prejudicar outras pessoas, violando a sua dignidade e os seus direitos. Algo que se pode fazer é o confronto das concepções que os alunos trazem com argumentações e multivisões presentes na ética e nos direitos humanos para que, a partir disso, se possa construir uma imagem mais próxima do real e se cultive valores como o respeito ao próximo.

Faz parte do trabalho do professor abordar tais tópicos como valores e atitudes sociais, visto que para se formar cidadãos, estes devem atuar de maneira a propiciar o bom desenvolvimento social. (BRASIL, 1998)

Outro fenômeno observado em uma instituição escolar é a violência, seja em sala de aula ou fora dela, direcionada ou não ao professor.

Tem-se, neste período da história, um forte movimento de banalização e naturalização da violência. A mídia retrata agressões, homicídios e o uso de força bruta contra outras pessoas como algo comum e cotidiano, não digno de choque e indignação, mas como algo que simplesmente acontece e que somos impotentes diante de tais fatos. Tal naturalização levou a uma reprodução dessa violência em diversos âmbitos da sociedade e a escola não escapa dela (OLIVEIRA; MARTINS, 2007).

A hostilidade e a violência têm sempre uma causa, não se pode atribuir ao fenômeno características de um fim em si mesmo. Dizer, por exemplo, que o aluno é mau por ser violento, corrobora um discurso no qual a violência é atribuída ao estudante como se não possuísse uma origem específica. Pode-se considerar a violência como uma forma de discurso, algo simbolizado que representa um sentido e apresenta causas subjacentes, que podem ir desde reprodução a ganhos advindos de uma atitude violenta (OLIVEIRA; MARTINS, 2007).

Em situações de violência também cabem os conhecimentos sobre dinâmica de grupos e resolução de conflitos, visto que, muitas vezes, tais atos poderiam ter sido evitados mediante o diálogo entre os sujeitos envolvidos no conflito.

Suponha que um professor sofra ameaças diárias por parte de um aluno, que chegou ao ponto de furar os pneus do carro desse professor.

A sinceridade, neste caso, seria a ferramenta mais adequada. Uma conversa com vistas a investigar os motivos desse aluno para tal comportamento seria adequada. Logo que encontradas as causas, faz-se necessária a intervenção, que pode partir da negociação à suspensão dos fatores que reforçam o comportamento.

O aluno agressor pode se sentir discriminado pelo professor, o que ocasionou uma mágoa. Pode também estar sendo estimulado por outros alunos a desafiar uma figura de autoridade. O mais importante em situações de violência é a conduta de uma investigação de suas origens e a prevenção de manifestações da mesma. Quando a violência é prevenida e combatida com diálogo pode até não ser completamente neutralizada, mas possibilita uma reflexão, por parte do agressor, antes de se realizar a ação violenta. Fator este que facilita a retomada do diálogo e da negociação.

Expostas as problemáticas acima, e considerando que existem muitas outras envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, se pode perceber que, na maioria das vezes, os insucessos em atividades escolares não devem ser trabalhados em um jogo de culpas, no qual se buscará punir ou evidenciar as incompetências dos responsáveis. Mas, se deve dar ênfase na busca de soluções e prevenções às adversidades que podem surgir no processo de Educação, mobilizar processos de investigação e, com isso, evitar a repetição dos erros que prejudicam o processo educacional.

Também não se pode perder de vista o principal objetivo do trabalho educativo, que é a formação de um cidadão que possa se posicionar

criticamente frente a sociedade, criando novas realidades sociais e, como consequência maior, aperfeiçoando cada vez mais a possibilidade de um futuro próspero e justo no país (BRASIL, 1998a).

CONCLUSÃO

A partir das reflexões e problemáticas expostas nesta aula, pode-se perceber que a maior parte dos problemas envolvendo situações de ensino-aprendizagem e situações problemáticas como violência em âmbito escolar, problemas com as famílias de alunos, indisciplina em sala de aula ou o fracasso escolar, se dão devido a posturas profissionais da instituição escolar e de seus atores, e por reproduções de problemas que ocorrem em esferas maiores, como na social. As condutas do professor como profissional, não somente na transmissão de conceitos, mas como agente de transformação social e investigador, quando se trata de situações problemáticas, são fundamentais para uma Educação adequada de futuros cidadão críticos e que favoreçam um desenvolvimento saudável da sociedade, assim configurando o ensino como um verdadeiro dispositivo de intervenção social e não somente como reprodução das relações no sistema político vigente.

RESUMO

Percebe-se que com os processos de dinamização da produção científica e tecnológica na sociedade contemporânea, que a educação tradicional não consegue mais, em práticas ortodoxas, comportar as demandas de formação de sujeitos que consigam acompanhar, refletir e se posicionar em relação a tais avanços sociais. Que uma educação voltada para cidadania necessita de processos centrados no aluno, em seus conhecimentos prévios e sua cultura como forma de tornar o ensino mais interessante e funcional.

No sentido de que serão formados, com essas novas práticas educacionais, cidadãos que conseguem não somente repetir conceitos, mas repensá-los em conexões interdisciplinares, em seus impactos e manifestações no mundo real, é necessária a mudança de concepções e posturas do professor e da escola em suas atuações nos processos Educativos, e, por quê não, educacionais.

As formas de se lidar com situações de ensino-aprendizagem e com situações problemáticas que ocorrem em ambiente escolar, são fundamentais neste processo de formação para a cidadania, visto que, a escola é um espaço no qual se consolidam formas de os alunos lidarem com a vida social na qual estão inseridos, podendo criar suas próprias concepções. Para tanto, é necessário que o professor aja como um real formador de futuros cidadãos que determinarão os rumos da sociedade atual.

ATIVIDADES

Marque uma entrevista com 2 (dois) professores de Ciências (Ensino Fundamental), sendo 1 (um) da rede pública de ensino e 1 (um) da rede privada. Sua entrevista terá por objetivo verificar no discurso dos professores como se manifestam as visões a respeito dos problemas mais comuns em uma escola. Você deve entrevista-los com as perguntas apontadas abaixo. Para cada uma delas registre respostas breves, claras e objetivas.

a) Problemas na efetivação dos processos de ensino-aprendizagem;
-Em sua opinião o que gera a falta de interesse dos alunos nas atividades propostas em sala de aula? Por atividade entenda estudos dirigidos, projetos de pesquisa e demais atividades voltadas para uma situação de aprendizagem.
-Quais as atividades são propostas em sala de aula e fora dela, com vistas ao processo de aprendizagem? Quais delas lhe rende melhores ou piores resultados quanto ao aproveitamento dos alunos?
-O que pode gerar o fracasso dos alunos em situação de avaliação, e como você lida com o fato?

b) Dinâmicas e conflitos na relação professor-aluno;
-O que pode gerar o fracasso na tentativa de se estabelecer uma boa relação com os alunos? Como lidar com isso?
-Você já sofreu alguma agressão por parte de alunos em sala de aula? O que pode originar tal comportamento? Como lidar com isso?

c) Relações e conflitos entre os alunos;
-Em sua opinião, porque ocorre o comportamento agressivo entre alunos em sala de aula? Como lidar com isso?
-Você já presenciou ou sofreu situações de preconceito em sala de aula? Como lidar com o fato?

d) Problemas de se trabalhar em grupo com alunos
-Como lidar com situações de atividade em grupo, nas quais se apresentam elementos como: o diferente ritmo de aprendizagem dos alunos; a bagunça que pode advir destes grupos; e as rivalidades que podem se fazer presentes entre os grupos?

e) Problemas para se trabalhar em grupo entre professores;
-Os seus planos de aula e planejamentos são feitos individualmente ou em grupo?

-Já houve conflitos no trabalho em equipe devido à diferentes visões de educação ou métodos de ensino?
-Você já participou ou participa de trabalhos interdisciplinares? Houve problemas no planejamento ou execução desses trabalhos?

f) Problemas na relação entre a família do aluno e a escola;
-Há dificuldade para lidar com fatos advindos da relação família-escola? Se sim, quais?

g) Lidar com as demandas do currículo e uma educação para a democracia;
-Hoje, muito se diz de uma educação voltada para a formação do sujeito como cidadão consciente e socialmente ativo. Entretanto, como lidar na prática com esta demanda de formação e a cobrança de conteúdos formais como os de vestibulares e provas de avaliação padronizadas?

Finalizada a entrevista, confeccione um relatório e sistematize em uma tabela com 3 (três) colunas (uma para as perguntas, uma para as respostas do professor da rede pública e outra para as respostas do professor da rede privada), e uma linha para cada tópico abordado. Compare as respostas comentando em seu texto as principais diferenças entre os discursos de cada um. Relacione também os problemas expostos com a teoria presente na unidade de forma a apontar possíveis falhas na conduta dos professores ou da instituição e propor soluções para cada um dos problemas apresentados acima, concordando ou não com a opinião dos professores entrevistados.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Quando se faz uma entrevista, corre-se o risco de que o entrevistado devido a pressões da instituição ou desejabilidade social enviese o seu discurso para o que seria um discurso ideal em sua concepção. Quando for realizar sua entrevista seja bem claro antes de começar dizendo que os dados são destinados a uma atividade acadêmica e que o máximo de sinceridade possível é muito importante. Explique também que o nome do professor ou qualquer dado que possa identifica-lo será alterado ou cortado da entrevista, sendo que o relato da atividade será restrito às respostas dadas para as perguntas. Princípios éticos na produção de material científico são muito importantes, e expor dados não autorizados sobre alguém pode gerar uma ação judicial contra o pesquisador.

ATIVIDADES

Utilizando o mesmo roteiro de entrevista da Atividade 1, faça uma entrevista com 2 (dois) professores de Biologia (Ensino Médio), sendo 1 (um) da rede pública de ensino e 1 (um) da rede privada. Sua entrevista terá por objetivo verificar no discurso dos professores como se manifesta a visão a respeito dos problemas mais comuns em uma escola.

Finalizada a entrevista, confeccione um relatório e sistematize em uma tabela com 3 (três) colunas (uma para as perguntas, uma para as respostas do professor da rede pública e outra para as respostas do professor da rede privada), e uma linha para cada tópico abordado. Compare as respostas comentando em seu texto as principais diferenças entre os discursos de cada um. Relacione também os problemas expostos com a teoria presente na unidade de forma a apontar possíveis falhas na conduta dos professores ou da instituição e propor soluções para cada um dos problemas apresentados acima, concordando ou não com a opinião dos professores entrevistados.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Agora você fará uma atividade voltada para o Ensino Médio. Algo interessante seria comparar e perceber as diferenças entre os discursos dos professores dessa etapa do ensino e dos professores do Ensino Fundamental. Não é necessário que se façam relatórios ou registros. Apenas compare e veja como os problemas se diferenciam ou se mantêm e como o discurso dos professores se diferencia em função das variáveis como: diferenças de idade, conteúdos, formas de avaliação, etc.

AUTOAVALIAÇÃO

Agora que você concluiu esta unidade da disciplina, releia as metas e os objetivos apresentados no início da aula.

Agora faça uma reflexão sobre as habilidades e competências que você desenvolveu ao longo dessa unidade/aula e responda, com franqueza, as questões abaixo.

a) Você considera que o seu professor conseguiu cumprir as metas estipuladas para essa aula? Atribua uma nota de 0 (zero) a 10 (dez).

0 [] 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 [] 6 [] 7 [] 8 [] 9 [] 10 []

b) De sua parte, você considera alcançados os objetivos propostos no início da aula? Atribua uma nota de 0 a 10.

0 [] 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 [] 6 [] 7 [] 8 [] 9 [] 10 []

c) Analisando o seu tempo de estudo para leitura e resolução dos exercícios/atividades desta aula, você considera que esse tempo foi adequado? Atribua uma nota de 0 a 10.

0 [] 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 [] 6 [] 7 [] 8 [] 9 [] 10 []

d) O quão útil você considera essa aula para o exercício da profissão professor? Atribua uma nota de 0 a 10.

0 [] 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 [] 6 [] 7 [] 8 [] 9 [] 10 []

e) Justifique, em detalhes, a nota atribuída na questão anterior.

f) O que você considera que poderia ter sido abordado nesta aula, e não foi? Comente.

PRÓXIMA AULA

Será discutida a produção de materiais e recursos para utilização didática no Ensino de Ciências e Biologia, com atividades experimentais.

REFERÊNCIAS

BEJARANO, N. R. R.; CARVALHO, A. M. P. Tornando-se professor de Ciências: crenças e conflitos. **Ciência & Educação**, vol. 9, n. 1, p. 1-15, 2003.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Naturais. Brasília : MEC, 1998.
______. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2002.
______. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 2, de 7 de abril de

1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 15 abr. 1998, seção I, p. 31-32.

______. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 3, de 26 de Junho de 1998 Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 5 ago. 1998, seção I, p. 21-23.

CHAUI M. S. O discurso competente. In. **Cultura e democracia**: O discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2006, p. 3-13.

CHAUI M. S. Crítica e ideologia. In. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2006, p. 15-38

MARANDINO, M. Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. **Revista Brasileira de Educação**, n. 26, p. 95-108, 2004.

MUCCHIELLI, R. **Dinâmica de Grupo:** conhecendo o problema. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979, 156 p.

OLIVEIRA, E. C. S.; MARTINS, S. T. F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra, **Psicologia & Sociedade,** vol. 19, n.1, p. 90-98, 2007.

OLIVEIRA, C. B. E.; ALVES, P. B. Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. Paidéia (Ribeirão Preto), vol. 15, n.31, p. 227-238, 2005

PARO, V. H. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. In. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001, p. 33-46

PATTO, M. H. S. A **Produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**: convite à viagem. Porto Alegre: Artmed, 2000, 192 p.

QUADROS, A. L. et al. As práticas educativas e seus personagens na visão de estudantes recém-ingressados nos cursos de Química e Biologia. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 2, p. 293-308, 2010.

ROGERS, C. R. Algumas hipóteses com relação à facilitação do crescimento pessoal. In. **Tornar-se pessoa**, São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 35-44.

ROGERS, C. R. As características de uma relação de ajuda. In. **Tornar-se pessoa**, São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 45-68.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. Vol.28, n.1, p.107-116, 2002

SKINNER,B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 2010.